

MIGUEL REAL & FILOMENA OLIVEIRA



COMPANHIA DAS LETRAS

AS  
7 VIDAS  
DE  
JOSÉ  
SARAMAGO

# Índice

APRESENTAÇÃO 19

Josephville — a cidade ideal 21 / 58 anos: um derrotado da vida 24 /  
O mais estranho dos escritores 27 / O Nobel e o «mito» Saramago 35 /  
A construção da sorte: o outro eu de mim próprio 39 / A primeira entre-  
vista pós-Nobel 43 / Os discursos de Estocolmo 44 / Escritor mundial 50

## PARTE I

TRÊS VIDAS EM MEIA VIDA 55

### PRIMEIRA VIDA

DA AZINHAGA AO DESEJO DE JOSEPHVILLE  
(1922-1938) 57

Saramago — o nome de um cavaleiro sem cavalo 57 / Azinhaga: uma terra que  
uniria Camões e Saramago 62 / Porque emigrou a família para Lisboa 63 /  
O pai polícia 65 / Um menino feliz em circunstâncias infelizes 67 /  
Do campo para a ficção 77 / Josephville — a «Cidade do José» 78 / A primeira  
ida a Mafra 82 / O romance que Saramago não escreveu 82 / Primeiras  
viagens à Azinhaga 84 / Relação com os pais 85 / Os encantamentos,  
as defumações 86 / A melancolia de Saramago 86 / O bisavô mouro 88 /  
Os Barata 89 / A morte do irmão Francisco 90 / O primeiro encantamento  
por histórias 91 / O mundo estranho de Amadeo de Souza-Cardoso 92 / As  
primeiras leituras 92 / As primeiras doenças 93 / As primeiras humilha-  
ções 94 / A violação 95 / O filho Saramago dá o apelido ao pai Sousa 96 /  
Saramago — o maior «mentiroso» 97 / Casas 98 / A escola primária —  
«começou a história da minha vida» 100 / O Liceu Gil Vicente 102 / Um  
poema para o rio da aldeia — talvez o primeiro poema de Saramago 104 /  
Os avós paternos 105 / O pai jornalista à semelhança de um negro  
escravo 107 / Primeiras experiências sexuais 108 / O namoro gorado com

a Alice 110 / Primeiros terrores e assombrações 111 / O cinema e os primeiros medos 115 / O medo dos cães, o fascínio por cavalos 116 / A depressão 118 / Saramago — um General sem Tropas 119 / O primo José Dinis 120 / O sapateiro de *Deste Mundo e do Outro* e, talvez, de *Claraboia* 121 / A primeira artimanha 122 / As mais antigas recordações de teor político 123 / Como o aluno Saramago partiu o ponteiro ao professor 123 / A descoberta de Ricardo Reis — «A beleza em estado puro» 124 / Por que razão Saramago nunca tirou a carta de condução 125 / A primeira carta de amor em verso 127 / Saramago e Machado de Assis — Afinidades existenciais 128 / A educação de Saramago: da Azinhaga ao desejo de Josephville 129

## SEGUNDA VIDA

### O ESCRITOR FALHADO E A CONQUISTA DA PRIMEIRA MURALHA DE JOSEPHVILLE: A CREDIBILIDADE SOCIAL

(1939-1953)

137

Um operário não normal 137 / Um operário que vai à ópera 139 / Jogam as brancas e ganham — porquê? 140 / *O Preto que Tinha a Alma Branca* 140 / *O Diabo Coxo* 141 / O autodidatismo do jovem Saramago 141 / Duas décadas difíceis, mas estimulantes 143 / O maior mistério da vida de Saramago 145 / Dinheiro emprestado para a compra de livros e a primeira estante 148 / Dispensado do serviço militar 149 / Primeiro ato de rebeldia 149 / Caminhadas solitárias 149 / O casamento com Ilda Reis 151 / Ilda Reis 152 / O fim da condição proletária 153 / Indecisão sobre o caminho a traçar 154 / Primeira referência ao pessimismo 158 / Primeira expressão da consciência política de Saramago 160 / O MUD — Movimento de Unidade Democrática 161 / O primeiro ano de felicidade: o primeiro livro e o nascimento de *Violante* 161 / *Terra do Pecado* — primeiro momento de uma obra imensa 163 / O pecado da perfeição narrativa 164 / Descomprometimento ideológico em *Terra do Pecado* 167 / Saramago aos 25 e aos 80 anos — As questões da ética e do ceticismo 169 / A origem do ceticismo moral no jovem Saramago 170 / Os primeiros contos 172 / O conto em Saramago: da década de 40 à de 70 174 / A morte do avô Jerónimo Melrinho 175 / Segunda intervenção política — agora já consciente e ativa 176 / Saramago e a PIDE 178 / Os despedimentos de Saramago 179 / Saramago — um bibliotecário amado em segredo 179 / Saramago e Eça 180 / «Honorato» — único pseudónimo de Saramago 182 / Honorato nasceu, Honorato morreu 184 / Originais não publicados e o

conto «O Heroísmo Quotidiano» 185 / O experimentalismo literário do jovem Saramago 187 / A pequena história da publicação de *Claraboia* 187 / Relação entre *Terra do Pecado* e *Claraboia* 189 / *Claraboia* 189 / Testemunho de Violante Saramago Matos 192 / Conclusão da Segunda Vida 196

### TERCEIRA VIDA

DO INFERNO AO PURGATÓRIO: SARAMAGO COMO EDITOR

E A ORIGEM LONGÍNQUA DA ESCRITA DA MATURIDADE

(1954-1971)

199

Década de 50 — a classe média manifesta-se 199 / 1955 — o ano da saída do inferno 202 / «Havemos sempre de chegar aonde nos esperam» 203 / Nataniel Costa 205 / A primeira tradução 206 / Segunda metade da década de 50: a entrada na muralha literária de Josephville 206 / Saramago tradutor 207 / Saramago como editor — I 208 / Saramago e José Rodrigues Miguéis 210 / Saramago na década de 60: um novo estatuto intelectual 210 / A «corporação» literária: «gangs rivais» 211 / A busca de um novo estilo 214 / Saramago: um «nada» como escritor, um «tudo» como tradutor e editor 217 / Saramago, servidor de escritores 218 / Primeira crítica a poemas avulsos de Saramago 219 / Correspondência Saramago — Rodrigues Miguéis 220 / Brevíssimo balanço 222 / Saramago como editor — II 222 / Crise pessoal 223 / A crise agrava-se 225 / Crise familiar 227 / Saramago — sentimentalmente disponível na década de 60 228 / Morte do pai 229 / A esperança, de novo 230 / A contínua procura de um novo estilo 230 / Primeira intervenção política institucionalizada 230 / Os três homens que mais ajudaram Saramago 231 / *Os Poemas Possíveis* (1966) 233 / Sentimento de revolta pessoal e esperança social 236 / Do lírico e do épico, ambos poeticamente pobres 237 / Um Saramago de 1966 que parece um Saramago de 1986 239 / Um novo Saramago, embrião do futuro Saramago 239 / Escrevo romances porque não sei escrever ensaios 240 / Expressão de sentimentos intemporais e universalizantes 241 / Um vago marxismo em poesia 241 / *Os Poemas Possíveis* — uma poesia realista 242 / O encontro com Isabel da Nóbrega 242 / Crise familiar definitiva 243 / Primeira viagem a Paris 245 / Saramago crítico literário 246 / Saramago e Augusto da Costa Dias 247 / Saramago — o crítico heterodoxo 248 / 1966-68: mudança radical de vida 252 / *Provavelmente Alegria* (1970) 253 / O estado de espírito de Saramago: um homem realizado e um homem apaixonado 254 / Despedimento da editora 257 / Conclusão da Terceira Vida de Saramago 259

## PARTE II

## O TEMPO SUSPENSO

263

## QUARTA VIDA

## SARAMAGO CRONISTA E EDITORIALISTA

(1968-1976)

265

A década de 60 — nova revolução na vida de Saramago 265 / A década de 70 268 / «Não pedi, pediram-mo» 270 / Nas crónicas «está lá tudo, menos o romancista que vim a ser» 272 / Uma revolução na vida de Saramago 274 / A crónica em Saramago 275 / Uma das mais belas crónicas de Saramago 278 / Josephville 280 / Do inferno da década de 40 ao purgatório da de 50 para uma década de 60 e princípios da de 70 feliz 281 / A prática da ironia 283 / Crónicas dedicadas a Isabel da Nóbrega: a felicidade continua 285 / A crónica — não o registo do tempo 286 / Saramago: teórico das próprias crónicas 289 / Saramago integrado no universo jornalístico em 1971 e 1973 293 / O ceticismo presente nas crónicas 294 / Saramago — filho das suas obras 297 / Finalmente, o que Saramago quer dizer com «Nas minhas crónicas está tudo» 298 / Saramago — o *parvenu* 300 / 1969: O início do longo conflito com Mário Soares 301 / Os três grandes amigos de Saramago 302 / *Provavelmente Alegria* 303 / Fundação da Associação Portuguesa de Escritores 303 / Saída d’A *Capital* e entrada no *Diário de Lisboa* 304 / 1974 — Prestes a ser preso 308 / *O Ano de 1993*: antevisão de *Cyborg* e *Matrix* 308 / 1974: o socialismo é o futuro de Josephville 311 / Contexto político-jornalístico em Portugal em 1975 313 / Os «Apontamentos» de Saramago e a posição política do PCP 316 / Saramago — comentários radicais num país radicalizado 320 / A questão dos 24 jornalistas despedidos 328 / 1976 — Excluído de Josephville. Começar tudo de novo 337 / A coerência política e a constância da reafirmação pública do socialismo 338 / Um silêncio muito ruidoso 341 / Uma profunda desilusão política 344 / Recuar para ganhar forças — o Alentejo 346 / Contra o conservadorismo na cultura 348 / Contra a Aliança Democrática 350 / Testemunho de Ana Saramago Matos 351 / Conclusão da Quarta Vida: o tempo suspenso 356

## PARTE III

## NASCER DE NOVO

359

## QUINTA VIDA

## FINALMENTE, SARAMAGO ESCRITOR

(1976-1980 / DÉCADA DE 1980)

361

A década de 1980 361 / Período de resistência 364 / O primeiro romance de adulto: um outro Saramago que é afinal o mesmo: a crítica do realismo 366 / A singularidade dos contos 372 / Contos absurdos que são tudo menos absurdos 375 / Onde o desespero domina, a esperança também vive 377 / Autocrítica à sua poesia da década de 60? 380 / Um trabalhador incessante 381 / Porque escreve Saramago 381 / Teatro: *A Noite e Que Farei com este Livro?* 382 / Saramago, o teatro e Gil Vicente 383 / O operador ideológico do teatro de Saramago 385 / O retomar da crónica — novo caminho político: «Unir à esquerda, defender a democracia» 387 / A desilusão política agrava-se, mas a vontade reanima-se 388 / Saramago levanta-se do chão 389 / Abaixo o antigo realismo, viva o novo realismo! 392 / A coerência política continua, a escrita altera-se radicalmente 393 / O novo narrador 394 / A história de *Levantado do Chão* 396 / Épico antiépico 397 / A ficção como iluminação da História 398 / A epígrafe e a coerência política 398 / Do chão, levantava-se também, em 1980, José Saramago 400 / O estatuto do escritor — Saramago zangado 401 / Os dois primeiros prémios: 1979 e 1980 403 / Frutos do período de resistência 404 / *Viagem a Portugal* — que Portugal?, que cultura? 405 / Anos 80 — a década dos prodígios 410 / O realismo mágico de Saramago? 412 / Personagens e símbolos 413 / Para Saramago, o mais importante do *Memorial do Convento* 415 / *Memorial do Convento* — uma síntese 415 / O legado de Saramago 417 / De como as personagens se apoderaram do autor 421 / A morte da mãe 422 / A democracia cultural e a samarra do Nobel 423 / «A Tabuleta das Letras» 424 / Ricardo Reis: «um outro sol que tivesse nascido» 424 / A escrita de *Ricardo Reis* 426 / Lisboa no romance 427 / Saramago e Eça de Queirós 429 / Ficção de ficção de ficção — o intelectual passivo 430 / O 25 de Abril valeu a pena 436 / O sucesso santificou a intenção 437 / Contra a XVII Exposição Europeia de Arte Ciência e Cultura 438 / A inspiração de Padre António Vieira: o narrador «falante» 440 / Quando ler é ouvir 443 / As três mulheres de Saramago 444 / Segunda metade

da década de 80: o início da internacionalização 447 / A origem de *A Jangada de Pedra* 449 / Do iberismo ao transiberismo 452 / Não louvar a pobreza, antes acabar com ela 455 / Bases da filosofia de Saramago 457 / 1987/1988/1989: três anos felizes 459 / *História do Cerco de Lisboa* — A ficção como iluminação da História 461 / O valor do «Não» 464 / Saramago e o romance histórico 464 / A conceção de Tempo em Saramago 468 / Mensagem de *História do Cerco de Lisboa* 471 / Os níveis de representação literária de *História do Cerco de Lisboa* 474 / Finais dos anos 80: o desejo de desbarroquização da linguagem 479 / A queda do Muro de Berlim 480 / O estatuto individual da escrita 481 / Amor a Lisboa 482 / Crónicas sempre, mas de estatuto diferente 484 / O inimigo principal 486 / «A terra é pequena e a gente que nela vive também não é grande» 486 / O autor e o narrador — primeira tese 488 / Conclusão da Quinta Vida de Saramago: Josephville conquistada 490

## SEXTA VIDA

### A CONSAGRAÇÃO INTERNACIONAL

(1990-1997)

491

O internacional engloba o nacional tal como a Humanidade engloba o Homem 491 / A candidatura à Câmara Municipal de Lisboa 495 / Dois momentos fundamentais da internacionalização de Saramago: a ópera *Blimunda* e o romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo* 497 / «Blimunda» — Que nome, este... A explicação 497 / Sempre comunista 498 / *O Evangelho* — momento charneira da obra 499 / Fim da fase de «Estátua» 502 / É o *Evangelho* um romance histórico? 504 / O caso da censura exercida por Sousa Lara 504 / A tradição do intelectual português 508 / Saramago versus Sousa Lara 509 / Deus é apenas uma ideia na cabeça dos Homens — e uma ideia maligna 511 / Culturalmente, o que foi Lanzarote para Saramago 515 / Finalmente, justiça na atribuição do prémio literário da Associação Portuguesa de Escritores 516 / Aprofundamento intensíssimo da internacionalização 517 / A inexistência de uma cultura europeia 518 / A internacionalização continua 518 / 1982-1992: Escritor nacional tornado internacional que o Nobel tornará mundial ou planetário 519 / Contra a intolerância e o fanatismo 520 / A descoberta de um novo conceito registado nos *Cadernos de Lanzarote* e explicitado no JL 523 / 1993 — Um ano revolucionário 527 / O comunismo não como «real», antes como «ideal» 528 /

Portugal é um país morto 530 / Reconciliação definitiva com Mário Soares 530 / Reflexões sobre Deus pós-*Evangelho* 531 / Constantes dos *Cadernos de Lanzarote* 533 / Prémio Camões 535 / A pressão do Nobel 535 / Ironia, sempre a ironia 538 / Críticas à publicação dos *Cadernos de Lanzarote* 539 / Rivalidades literárias — uma constante cultural 543 / Genealogia literária de Saramago 544 / *Ensaio sobre a Cegueira: Imago Mundi* 546 / Ensaio ficcional ou ficção ensaística 548 / Origem existencial e filosófica do *Ensaio* 552 / Personagens do *Ensaio*: «sombas de sombras» 557 / Mensagem ética do *Ensaio* 558 / Peregrinação literária 559 / Autor e narrador — a polémica 560 / O século dos deveres humanos 561 / A origem de *Todos os Nomes* 562 / *Todos os Nomes*. A Europa, uma sociedade burocrática e arracional 567 / A valorização do amor, dos sentimentos 569 / Cinquenta anos de escrita que, afinal, são apenas vinte, e, para falar verdade, se reduzem a quinze 573 / *Os Sem-Terra* 573 / *O Conto da Ilha Desconhecida* 574 / O conto infantil/juvenil em Saramago 574 / A subversão do conceito cultural de «ilha desconhecida» 575 / «Gostar é provavelmente a melhor maneira de ter, ter deve ser a pior maneira de gostar» 579 / O estatuto da mulher na obra de Saramago 581 / Saramago intervém no processo La Tablada, na Argentina, em 1999 582 / Intervenção no Uruguai 583 / O epitáfio 584 / Conclusão da Sexta Vida de Saramago: a internacionalização completada 584

## SÉTIMA VIDA

AFINAL, JOSEPHVILLE ERA O MUNDO TODO

(1998\* -2010)

587

O sentido da vida para Saramago 587 / O paraíso e a morte de Ilda Reis 590 / Aquilino Ribeiro 590 / 1998-2010. Saramago — um ativista internacional 591 / «A perda de um sentido ético de existência»: «Não viverei num mundo assim» 592 / A nova Alegoria da Caverna: a denúncia do consumismo como sintoma de uma razão doente e uma humanidade desequilibrada 594 / A origem d'A *Caverna* 601 / O estatuto literário do cão Achado 603 / A «Trilogia Involuntária» e a Europa 604 / A intolerância: deixar o Outro ser o outro 606 / A *Maior Flor do Mundo* — um conto infantil 609 / Um conto ético, não moralista 611 / A viagem como imperativo ético 613 / A reafirmação do valor político dos Direitos

\* A atribuição do Prémio Nobel da Literatura, em 1998, é desenvolvida na «Apresentação».



Humanos 616 / Saramago, um «comunista libertário» 616 / Saramago — Português como espanhol, isto é, ibérico 618 / A Causa de Chiapas: «Dor e esperança» 619 / O estatuto de José Saramago na América Latina 622 / Palestina/Israel 622 / Um comunista «anarquista» 624 / *O Homem Duplicado* 624 / A ferida mortal da democracia 627 / 2008: Nova velha crítica em cinco pontos à democracia europeia 630 / Votar em branco, ser «brancoso» 631 / A democracia, uma rainha que vai nua 632 / O cidadão a «dormir» 632 / A questão do título «Ensaio» 635 / Três notas finais sobre o sentido de *Ensaio sobre a Lucidez* 637 / Crítica política 637 / «Onde está a esquerda?» 638 / Marx Morreu, Viva Marx! 640 / A visão da morte em Saramago 641 / Romances da primeira década do século XXI 646 / A morte humanizada 647 / A música: representação estética da existência 648 / Integração de *Don Giovanni* na obra de Saramago 650 / Quatro últimos anos: continuação da denúncia das iniquidades de um mundo desorientado e de uma razão cega 654 / A Fundação José Saramago: «O meu testamento» 655 / Uma Fundação contra a desumanização 656 / A beleza absoluta de Timanfaya 658 / *A Viagem do Elefante*: metáfora da vida humana 659 / «Sempre chegamos ao sítio onde nos esperam» 661 / Subhro/Fritz, o cornaca, outra metáfora da vida humana 663 / *Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas* em 2008 667 / Consequências de *A Viagem do Elefante* 667 / Indignação política contra o PCP e a CGTP 668 / Melancolia e tristeza: «Este ano não irei à Feira do Livro» 670 / Estátua em bronze 671 / O estranho sonho de Saramago 672 / *Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas* — o último dos últimos 673 / Gil Vicente e a subversão cultural do título 674 / A última mensagem: um hino à paz num romance de guerra 676 / A maldade de Deus 681 / A morte de José Saramago noticiada em todo o mundo 684 / Autor popular e mundial 692 / Nos jornais portugueses 692 / A despedida de Pilar 694 / Visita a «a casa» de José Saramago e Pilar del Río 695

Siglas e abreviaturas	699
Notas	701
Prémios literários	719
Bibliografia	725
Periódicos citados	737
Filmografia	741
Índice onomástico	743

*Para David e Bebé,  
Inês e Hugo, Alfa e Noa*

*Uma biografia verdadeira  
é aquela que narra menos os factos acidentais  
da vida de um homem  
e mais o sentido da sua existência.*  
LEÔNCIO, O GREGO, O Livro das Biografias

# APRESENTAÇÃO

## Josephville — a cidade ideal

Escrever uma biografia não é fácil. Escrever uma biografia de um homem controverso, crítico, denunciante e acusador das sem-razões por que a História tem sido construída — e das iniquidades que se espalham hoje na paisagem do mundo — pressupomos ser menos fácil ainda. Nenhuma biografia é escrita para agradar ou desagradar ao leitor; esta não pretende agradar aos que se revêm nas palavras de Saramago nem aos que condenam a sua figura. Uma biografia é escrita segundo a consciência do seu autor: entre milhares de fontes e de factos, o autor seleciona os que considera terem sido marcantes na existência do biografado, desenhando-lhe o arco da vida entre o nascimento e a morte. A existência de Saramago foi construída segundo dois motes maiores: a Literatura e a Injustiça. O primeiro exprime-se na criação estética, o segundo, na denúncia das desigualdades sociais e das instituições e personalidades que lhes dão cobertura. Eis o sentido de *As 7 Vidas de Saramago* — duas colunas que permanentemente se elevam, paralelas, e, entre elas, os factos que as sustentam, vida a vida, das sete que viveu. De facto, se a continuidade da existência da vida de Saramago é estabelecida pela Literatura e pela denúncia das Injustiças, os momentos de rutura são dados pelo modo como ambas são praticadas período a período. Cruzámos e sintetizámos estas duas inspirações permanentes da vida de Saramago na palavra Josephville, «a cidade do José», criada pelo autor. 1998 é o ano do Prémio Nobel, a conquista da derradeira muralha de Josephville, a cidade ideal de José Saramago referida na crónica de jornal «A Cidade» (que abre o livro *Deste Mundo e do Outro*),<sup>1</sup> contraposta à cidade real de que desde menino se sentia expulso, ou, pelo menos, excluído. Filho de um casal rural sem terra migrado para a cidade — uma mãe analfabeta e lavadeira de escadas e um pai polícia de bairros pobres de Lisboa —, sente o peso da discriminação, tem de viver em casas partilhadas ao longo da infância

e de interromper os estudos no liceu, é transferido para uma escola técnica por carência de recursos da família, conclui um curso de Serralharia Mecânica e torna-se serralheiro do, então, principal hospital da cidade, enquanto frequentava, à noite, a única biblioteca aberta até às 23 horas. Idealizava ser escritor desde a adolescência — assim o dissera aos amigos, quando opinavam sobre o destino de adultos de cada um —, mas só tem o seu primeiro livro aos 12 anos. Na juventude, pede um empréstimo de 300 escudos para comprar livros que, desprovido de estante em casa e de dinheiro para a comprar, acomodara num armário da cozinha. Consegue passar a empregado de escritório (e assim se dá a conquista da primeira muralha de Josephville: de operário a pequeno-burguês dos serviços) e casa. Continuando a ler, de forma autodidata, fazendo-se acompanhar sempre de um ou dois livros na mão, publica um romance falhado aos 25 anos e escreve um outro, que já não consegue publicar, vivendo com angústia os fracassos editoriais. Com mais de 30 anos, desprovido de contactos nos meios intelectuais e universitários, conhece, num café da Baixa de Lisboa, um diretor literário que o convida a integrar o setor de produção de uma editora, o que lhe muda radicalmente a vida (segunda muralha: o escritor falhado e leitor torna-se editor, convivendo com escritores portugueses de nomeada) — por lá trabalha durante cerca de 12 anos como «serviçal» de intelectuais, no papel de intermediário entre os autores e os tipógrafos; ele é o funcionário que põe os livros na rua. Assim vai granjeando contactos, sobre os quais — elo mais fraco — se sente honrado. Edita um livro de poesia e depois um outro, ambos totalmente estranhos à atmosfera poética da década, faz traduções do francês, escreve crónicas para jornais e crítica literária para uma grande revista de oposição política, alcançando, então, alguma notoriedade entre o meio jornalístico à época, repleto de escritores que classifica de «corporação literária» — de que se sente alheado apesar de fazer parte dela, profissionalmente (terceira muralha: a conquista de um lugar entre a intelectualidade dominante). Revoltado contra a cidade totalitária, que não lhe reconhece valor, contra a guerra colonial, contra a prisão de amigos e a opressão política do regime, adere ao Partido Comunista Português (PCP), pressupondo que a sua cidade ideal, Josephville, só poderia ser conquistada politicamente. Dá-se uma revolução na cidade — Saramago assume a direção de um dos maiores jornais e aí escreve como um comunista puro, sem jogos diplomáticos de poder (quarta muralha: a tentativa de construção política de Josephville, uma sociedade sem classes). A revolução sucumbe e ele

fica desempregado, não recebendo sequer o apoio dos seus camaradas, que o presumem excessivamente radical. A nova classe política afasta-se de quem tanto se comprometeu com a revolução — Mário Soares, o principal dirigente político do Partido Socialista, representa, então, para Saramago, o seu principal inimigo. Regressa à tradução, donde tira o sustento, escreve contos e um «ensaio de romance» de grande qualidade, de acordo com o espírito literário da época, que aponta para a desconstrução das categorias clássicas do romance. Visto que poucos leitores cativa, como no caso do livro anterior, só lhe resta experimentar aquilo que desde a adolescência desejara ser, o tudo ou o nada: isola-se no Alentejo, a região mais pobre de Portugal, e vive entre os camponeses, ouve as suas histórias, os seus anseios familiares, os desejos sociais, as histórias encantadas. Regressado a Lisboa, começa a escrever novo romance, retratando-lhes a oralidade, as histórias de humilhação e miséria, as aspirações centenárias; escreve como os camponeses falam, desprezando as indicações da gramática, da arte tradicional de bem escrever um romance. O livro não é aceite por duas editoras, que, com a fama de comunista do autor, nem o devem ter lido, mas encontra acolhimento numa casa editorial de esquerda, recentemente criada, e provoca o espanto dos leitores — não pelo tema, suspeito, inconveniente (a necessidade de uma reforma agrária), mas pelo tom, pelo estilo, pelas audácias morfológicas e sintáticas. Limitara-se a escrever como o povo falava. Escreve novo romance, com o mesmo estilo, mostrando, à Brecht, que o construtor dos grandes monumentos da história não tinha sido o rei majestoso, mas o povo trabalhador, e louva a mulher através de uma rapariga de 18 anos que vê os corpos por dentro quando acorda, louva um farrroupilha sem eira nem beira, mas de princípios éticos invioláveis, os dois unidos a um frade visionário que quer voar, critica o rei megalómano cujo poder nasce da exploração de riquezas alheias, coloniais, e elogia um compositor italiano que vive para a música. Agora, sim, a quinta muralha de Josephville é conquistada, a única que desde a adolescência ambicionava conquistar: ser escritor. A escrita salva-lhe a vida. Josephville começa a ser construída e, ao contrário do que pensara anos antes, não será feita de palavras políticas, mas de palavras literárias, não de leis do Estado, mas de romances. Tem 60 anos, uma figura harmoniosa, é magro, alto, usa cabelo comprido, que escorre de um cucuruto calvo, óculos quadrados de intelectual compensados por um boné rural e patilhas ribatejanas. Aos 60 anos, ser escritor significa para ele não só ter leitores, o que

nunca lhe tinha acontecido, como viver do seu trabalho de escrita, o que também nunca acontecera.

## 58 anos: um derrotado da vida

Fracassado como serralheiro e empregado de escritório (que só a pobreza o obrigou a ser), como editor, tradutor, jornalista e político, encontra realização aos 60 anos naquilo que desde a adolescência sempre desejara: ser escritor. O sucesso dos seus livros, harmonizando um ideal de justiça social com personagens encantatórias e uma escrita radicalmente transgressora, reinventando esteticamente a realidade, torna-o conhecido no mercado editorial nacional, iniciando-o também no internacional. É a narração de uma vida heterodoxa de Jesus, um Cristo humano, só humano, que consolida a sua revelação ao mundo (e assim é derrubada, perto dos 70 anos, a sexta muralha de Josephville: ser um escritor internacional). Finalmente, censurado pelo Estado, isola-se numa ilha com o seu novo amor, só conhecido aos 64 anos, e, solitário, redige um dos melhores romances do século XX numa mesa de pinho de pés roídos pelos seus três cães, descrevendo, à semelhança dos cegos de Bruegel, o estado da humanidade — cegos seguindo outros cegos em direção ao abismo —, livro que o encaminha para a obtenção do Prémio Nobel da Literatura em 1998 (sétima muralha conquistada: afinal, Josephville, criada através de livros, não era uma cidade onde se sentisse bem, harmonizado com os outros, era o mundo inteiro).

Para Saramago, a vida sucedeu como no interior de um labirinto. Ele o disse, nas *Intermitências da Morte*: «labirinto sem portas. Ora aí está uma excelente definição da vida»<sup>2</sup>, «como já deveríamos saber, a representação mais exacta, mais precisa, da alma humana é o labirinto. Com ela tudo é possível»<sup>3</sup>. No seu caso, a chave do labirinto (a escrita) estava lá, sempre esteve, mas a porta não se deixou abrir até ao ano de 1980. A imagem do labirinto que exprime nos romances, ele o experimentou na própria vida. Nunca a sua vida desenhou uma linha reta e Saramago universaliza o confuso sentimento de desorientação na vida até à década de 80, experimentando diversas formas de existência. De fracasso em fracasso, batendo a uma porta fechada ou a várias ilusórias, compensado pela ascensão social de membro do operariado à burguesia intelectual jornalística, em 1980, com 58 anos, Saramago era, para todos os efeitos, um derrotado da vida:

um fracassado social (não tinha profissão com rendimento certo, não tinha emprego fixo senão o expediente da tradução), político (a revolução socialista, em que participara como protagonista, falhara), e literário (era um escritor mediano, que os grandes editores não desejavam nos seus catálogos, experimentando por três vezes a rejeição de editores). A elite política e intelectual da cidade repudiava-o, anatematizando-o como, mais do que comunista, um radical. Ele ousara forçar os portões da cidade: crescido no Estado Novo, fora um pobre destinado ao humilde ofício de serralheiro; depois, a seguir à Segunda Grande Guerra, um *parvenu*, levado por sorte e acaso para uma editora ao serviço de trabalhos de produção; no final da década de 60 afirma-se como cronista e poeta, mais como cronista do que poeta, e torna-se, já na década de 70, um revolucionário, olhado com sobrançeria, se não desprezo, pela elite política, jornalística e intelectual. Josephville, sonho da adolescência, parecia cada vez mais longe.

Na idade em que o cidadão se vai preparando para a reforma, considerando que já realizou o importante da vida, a escrita (*Memorial do Convento*, 1982) e o amor de Pilar del Río (1986) salvaram-lhe a vida, endireitaram-lhe a existência no sentido do que ela sempre deveria ter sido; o labirinto foi deslindado, a cidade foi conquistada, alargada internacionalmente, e, em 1998, com a atribuição do Prémio Nobel, estendida à totalidade do mundo — o maior prémio, o mais honroso e prestigiado galardão literário, expressão mundial de reconhecimento da obra de um autor, *mesmo* sendo comunista. Porventura, mais do que reconhecimento da Academia Sueca como representante institucional dos leitores de todo o mundo, tratava-se do reconhecimento da própria História Mundial da Literatura, que assim honrava e dignificava a Língua Portuguesa. Sejam claros: em 1998, Saramago é o primeiro escritor português a entrar institucionalmente para a História da Literatura Mundial. Fora das instituições, Fernando Pessoa precedera-o. Para certos críticos literários mundiais, Eça de Queirós também. Para outros leitores, Sophia de Melo Breyner Andresen também.

Não se trata já — reino da opinião volúvel — de se gostar das suas obras ou não, de privilegiar um ou outro dos seus romances, e menos ainda de comparar Saramago com Gil Vicente, Padre António Vieira, Almeida Garrett, Eça de Queirós, Raul Brandão, Aquilino Ribeiro, Vergílio Ferreira, Miguel Torga, Sophia de Mello Breyner Andresen, Agustina Bessa-Luís ou António Lobo Antunes — vultos imensos da literatura portuguesa —, mas de constatar objetivamente que a obra de Saramago ultrapassou o patamar nacional, inclusive europeu, e se oferece, a partir de 1998,



alistado num pequeno grupo de autores mundiais cujas obras se tornaram «património literário da Humanidade». António Costa, então presidente da Câmara Municipal de Lisboa, assim o dirá quando, em 2010, Lisboa receber o corpo morto de Saramago, vindo de Lanzarote.

Porém, ao mesmo tempo que a sua obra alarga horizontes de receção, Saramago, constrói em Lanzarote com Pilar del Río, uma pequena Josephville de que os *Cadernos de Lanzarote* são testemunho. Não se trata da existência de duas «cidades», uma vivida, não raro frustradamente, outra ideal, a cidade utópica da plena justiça social. Trata-se apenas de uma — a grande Josephville, ora conquistada, do tamanho do mundo, e uma Josephville íntima, privada e singular, onde Saramago encontra tempo para escrever e liberdade de consciência para se interrogar e interrogar o mundo. Uma não existe sem a outra, compensando-se e equilibrando-se mutuamente. Ambas desenham o perfil do «último Saramago», entre a receção do Prémio Nobel e o ano da sua morte. Um escritor que, sem imprimir aos seus romances a expressão direta do seu pensamento político, não se separa do cidadão, neles sintetizando uma unidade com a sua visão geral do mundo, sobretudo do seu pensamento axiológico e ético. Para Saramago, agora como no passado, a responsabilidade ética (os princípios) e moral (a aplicação social e comportamental dos princípios) permanece na linha da frente das suas palavras e dos seus escritos. Ele o afirma e reafirma em entrevistas dadas aos mais importantes órgãos de comunicação do mundo. Evidenciar o mal no e do mundo continua a ser o caminho para o resgate possível do bem. Não que continue a evidenciar uma solução utópica para a Humanidade com a força épica da do *Memorial do Convento*, um romance de nítida natureza social e histórica; antes alvitra, agora, que o mundo está mal porque os atos do Homem, ainda que esparsamente bons, são maioritariamente maus, e quando não maus pela sua força ativa, são-no igualmente pela indiferença face aos outros. A partir de princípios da década de 90, a sua visão é a do escritor que se baseia menos na História e mais na antropologia filosófica (a fase da «pedra»), intentando revelar pela ficção a natureza do Homem: os restantes romances deste último período outra coisa não significam senão um novo libelo contra a antiga violência civilizacional instauradora e generalizadora do mal no mundo. Se, nos períodos literários anteriores, Saramago ensaiara a crítica e a denúncia do mal, atribuindo-o de certo modo à História, agora busca evidenciá-lo na sua profundidade, mostrando-o enraizado no coração do próprio Homem. Se, antes,

a História fora a causa, agora torna-se um resultado, uma consequência do Homem. Nobilitando o que existe de bom e de bem no esforço humano, o retrato final do Homem é, porém, o de um monstro que habita o planeta Terra. Por isso, ficcionalmente, não merece continuar a habitar a Terra, e em *Caim* (2009), a personagem homônima, primeiro homem mau sobre a Terra, será igualmente o último representante da Humanidade.

A Josephville de Lanzarote, Pilar e a sua família, os três cães, a pequena comunidade da ilha que envolve e acarinha Saramago, a filha e os netos, os amigos de fora e de longe que o admiram e o visitam constituem a sua proteção contra o monstro que ele sabe estar à solta no mundo, e que analisa e denuncia sem descanso. Em 1995, com a publicação do *Ensaio sobre a Cegueira*, intui que o mundo caminha para o lado do mal, como se nele tudo estivesse errado e a indiferença dos Homens não permitisse a vitória do bem. Não, não é o denominado pessimismo de Saramago, mas a lucidez a que o realismo conduz. É esta lucidez que o faz inscrever como epígrafe de *O Homem Duplicado* a frase «O caos é uma ordem por decifrar», isto é, a irracionalidade e a arracionalidade por que o Homem tem conduzido a sociedade ocultam uma ordem desconhecida que, descoberta, pode converter-se num novo caminho, conducente ao bem e à harmonia. Do seu muito conhecido pessimismo emerge um possível otimismo.

## O mais estranho dos escritores

As 7 *Vidas de José Saramago* não biografam um homem «famoso» (personagens irrisórias, bolinhas de sabão, que ora enchem páginas de jornais, ora desaparecem como se nunca tivessem existido), não se trata de uma biografia recheada de pretensos escândalos e bisbilhotices, fruto de pequeninas intrigas políticas e de imensa coscuvilhice. Nenhum escritor português deu tantas entrevistas (desistimos de contá-las quando ultrapassámos as 250), sobre nenhum se organizaram tantos congressos académicos, se escreveram tantos livros, tantas teses de mestrado e de doutoramento, sobre nenhum se falou tanto nem tantos portugueses tiveram (têm) opinião firmada, menos devido à leitura dos seus livros, cuja qualidade literária ninguém ousa pôr em causa, e mais devido às suas opiniões políticas. É, assim, muito fácil transformar Saramago numa estrela ou num réprobo, detetar-lhe pequeninas vaidades e criticar-lhe opiniões, encontrar quem o ataque por isto ou por aquilo e quem o defenda

também por isto ou por aquilo. São opiniões comuns que, no futuro, a História varrerá para debaixo do tapete para deixar ressaltar o essencial da sua vida: o intenso amor à literatura desde os 16 anos, a ponto de, então aluno de um curso profissional em Lisboa, querer dedicar-lhe a vida, a necessidade sentida de transformação da literatura num campo estético de problematização dos reais temas que assolam o Homem universal (o sentido tortuoso da História, a essência maligna ou benigna do Homem, o estado atual da humanidade, o enigma da religião transformada em superstição, a devastação planetária levada a cabo pelas sociedades atuais) e a criação (espantosa) de um estilo novo, firmado no cruzamento entre o antigo modo de escrita barroca, inspirado em Padre António Vieira, e a oralidade popular. De facto, nem de incensos e panegíricos, nem de censuras de boa ou má-fé se compõe o estofo estético e histórico de que se desenha e desenhará o retrato de José Saramago, e, a nós, desde o princípio, interessou-nos apenas o *quid* literário do autor, única vertente por que será historicamente lembrado. Mas porque, ao modo dos escritores de sempre, a literatura, para Saramago, assume um compromisso com a Vida Política, com a História e com a Justiça, teremos de falar igualmente da sua visão sobre esses três campos.

De Egas Moniz, o único Prémio Nobel português em Medicina, galardoado justamente há 70 anos, não é recordada a altíssima atividade política ao longo da I República, menos ainda a sua atividade literária. Apenas a científica, porque foi esta, justamente, que lhe definiu a imagem histórica. Foi, para nós, uma experiência traumatizante constatar que ninguém tinha uma opinião neutra ou equilibrada (isto é, nem má nem boa) sobre Saramago. Pelo contrário, ou exprimia adesão total ou repúdio total. Opiniões assim, enviesadas positiva ou negativamente, não se oferecem como verdadeiros testemunhos históricos sobre o autor. Quem comprar este livro com o espírito de curiosidade mesquinha não encontrará nem uma visão épica da vida de Saramago, como um herói solitário lutando contra os males do mundo («a revolução ou é coletiva ou não é», diria ele), nem uma visão aviltante da sua vida, aquela que reza que, sem as três mulheres que o acompanharam ao longo da vida, nada Saramago teria realizado de importante. Inevitavelmente, entre a floresta dos factos, tentámos destacar na «árvore» da vida de Saramago (ele diria a «pedra), aqueles que conduziram à realização singular da sua existência, e estes foram uma sólida capacidade estoica, suportando tudo sem olvidar a persistência do seu destino literário, uma não menos sólida vontade tenaz

de trabalho e uma firmeza contínua, tanto no ideal da literatura, como na construção de uma Josephville igualitária, solidária e justa.

Através do conceito de Josephville, tentámos mostrar que a sua vida correspondeu a um empenho esforçado e a uma luta diária e disciplinada para, com Ilda Reis, sua primeira mulher, se elevar do operariado a uma pequena burguesia de serviços; depois, por via da Editorial Estúdios Cor, a uma média burguesia intelectual, no papel de «serviçal» de escritores; acompanhado de Isabel da Nóbrega, tentou conquistar a respeitabilidade dos seus pares jornalistas e intelectuais, não ultrapassando o estatuto de escritor mediano e de político então considerado radical (fase do *Diário de Notícias*), para, num último esforço, como vimos, já com 58 anos, e um passado literariamente pouco prometedor, dar a si próprio uma nova oportunidade: a escrita de um romance, *Levantado do Chão* (1980), sobre o candente mas politicamente inoportuno tema do Alentejo e da Reforma Agrária, cujo estilo de narração encanta uns leitores e afasta outros. Mesmo o episódio de 1975 no *Diário de Notícias*, um dos que, com o caso «República», mais dividiram a sociedade portuguesa no verão de 1975, tentámos narrá-lo com a máxima seriedade, como se fôssemos neutros (nunca o conseguiremos ser, mas tentámos), e apreciássemos, não a opinião do colega de redação a favor ou contra Saramago, consoante o setor político-ideológico em que se integrava, não a circunstância banal (era carrancudo ou simpático como vice-diretor), mas os textos, os próprios textos, já que justamente são estes e só estes que ficarão para a História, enquadrados no contexto social, político e jornalístico. Nos textos, lemos o que lá está e, surpreendentemente, constatámos que Saramago não se encontrava na sala onde se realizou a assembleia que expulsou os 24 jornalistas do DN. Sim, Saramago, entre vários participantes, falou antes e, no seu discurso, atacou fortemente e duramente os autores do manifesto de protesto contra a linha política dominante do DN, mas, depois, retirou-se para o seu gabinete, dando a palavra à assembleia, onde participavam a administração, jornalistas e tipógrafos. Não, Saramago não foi inocente, mas também não foi carrasco — seguiu os ditames da sua consciência num tempo revolucionário.

Motivou-nos apresentar a vida de José Saramago a partir dos textos que escreveu, a que juntámos inúmeras interpretações esclarecedoras. Apenas nos interessava aquilatar o verdadeiro estatuto de Saramago no seio da literatura e da cultura portuguesa, a vida de José Saramago como a de um destino literário, originado na adolescência, desenvolvido, sem

sucesso, na década de 40 a 60, o momento de auspiciosa sorte quando conheceu Nataniel Costa, que lhe alterou radicalmente a existência ao abrir-lhe as portas da Editorial Estúdios Cor; o posterior conhecimento de Isabel da Nóbrega, que lhe abre as portas dos jornais, tornando-o cronista e editorialista (não propriamente jornalista). Na década de 70, assume publicamente posições políticas ligadas ao Partido Comunista Português, de que era militante desde 1969, e a que, num processo de apoio livre e igual crítica livre, se manterá fiel até à morte. Politicamente falando, Saramago não foi, nunca, um arregimentado, e combateu Mário Soares com a mesma força com que depois se tornou seu amigo.

Interessou-nos ainda evidenciar que, desde a década de 70, o destino literário de Saramago se cruzou com o seu destino político, e a revolução socialmente ambicionada é igualmente assumida como uma revolução literária e cultural. Dito de outro modo, ser politicamente revolucionário, para o cidadão Saramago, é, do mesmo modo, ser literariamente revolucionário. Mudar a literatura só se evidencia importante se, antes ou de forma simultânea, se operar uma mudança no mundo. Estes processos não podem ser separados, mas se o forem, a primazia deve ser dada à mudança social e menos à literatura: «... teremos de reconhecer que a literatura não transformou nem transforma socialmente o mundo e que o mundo é que transformou e vai transformando a literatura.»<sup>4</sup>

Por isso, na sua produção literária, Saramago separa com clareza o autor (conceito literário ou estético) do cidadão (conceito cívico e político), distinguindo, do mesmo modo, e com infinita clareza, literatura de propaganda política. Porém, a alimentar o autor de matéria para um romance encontra-se o escritor, e este não pode ser separado do cidadão, ou melhor, o cidadão, o homem, engloba o escritor. E é do cidadão tornado escritor, dotado de uma visão do mundo, que os seus romances são expressão, evidenciando, do ponto de vista ético e axiológico, a superioridade da igualdade face à desigualdade, da justiça social face à injustiça, da solidariedade face ao individualismo. Por isso, Saramago afirma repetidamente que dentro de um livro vai um homem, ele próprio, o autor. Enquanto cidadão, face às contínuas entorses sociais e ambientais a uma escala planetária, Saramago tem uma visão pessimista (ele diria «realista») e, em consequência, porque o escritor assume o cidadão (ou este é um conjunto de que ser escritor é parte), os seus romances desenham uma visão pessimista do futuro e da Humanidade. Por isso, esclarecerá que

em todos os seus romances se encontra a sua visão do mundo, mas nem uma página refere qualquer tipo de elogio ao seu partido — pelo contrário, critica-o fortemente em *Ensaio sobre a Lucidez*.

Saramago não foi um escritor igual aos outros, daqueles que separam a vida da sua escrita, de tal modo que se torna impossível encontrar, sequer detetar, vínculos unitivos entre vida e obra. Pelo contrário, os problemas da sua vida são os temas da sua obra: a luta contra a pobreza e a escassez de rendimentos das classes sociais baixas, que experimentou desde a infância até aos 60 anos; os desencontros do destino, transformando a sua vida num labirinto, repleto de inesperados impasses sociais ou de existenciais becos sem saída; a constatação de que as elites impedem voluntariamente o acesso à mobilidade social e à prosperidade dos grupos sociais inferiores; as transformações negativas que alimentam a evolução social a favor dos grandes conglomerados industriais e comerciais; a burocracia como tentáculo do Estado; o consumismo como parte integrante da devastação planetária; a religião, não enquanto devoção, como modalidade de suavização das emoções negativas, mas enquanto verdadeira superstição popular, arrastando milhões de crentes em convicções ilusórias... Pergunte-se o que vivia Saramago com intensidade e obter-se-á — de forma indireta — um romance ou personagens simbolicamente correspondentes. O leque de questões vividas corresponde, não absolutamente, ao leque de temas explorados nos seus romances. Não existe arbitrariedade na escolha dos temas. Pelo contrário, todos eles obedecem a um mesmo sentido: denunciar os erros humanos ligados à exploração económica, à inautenticidade política do Estado e ao império do mal. Contra a visão da crítica literária desde a década de 60, que separa, a um nível metafísico, o texto de quem o escreveu, em Saramago, o cidadão marca o escritor; o escritor, o autor; e o autor, o narrador.

Por outro lado, Saramago reuniu na sua obra o triplo estatuto do antigo intelectual (até à primeira metade do século XX) como sismógrafo do estado cultural e social da comunidade; como crítico da atualidade política institucional, denunciando as suas entorses, mediocridades e corrupção; e como anunciador (um pouco profético) de males coletivos futuros, caso não fosse alterado o rumo da comunidade, evidenciando um outro sentido, harmónico, passível de conduzir o Homem a um estado, se não paradisíaco, próximo disso. Em Portugal, no século XX, com exceção dos autores neorrealistas e de Ferreira de Castro, Aquilino Ribeiro, Sophia de Mello Breyner Andresen, José Rodrigues Miguéis, Miguel Torga,

Manuel Alegre, Natália Correia, Jorge de Sena e, por vezes, de Agustina Bessa-Luís, de muito poucos outros se pode dizer o mesmo.

Quando escrevemos a primeira parte do parágrafo imediatamente acima, não estávamos a pensar só em Saramago, mas também em Sá de Miranda (século XVI), Padre António Vieira (século XVII), Luís António Verney (século XVIII), em Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Eça de Queirós (século XIX) e, sobretudo, em Antero de Quental (século XIX) e Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes, António Sérgio, Jorge de Sena, Agostinho da Silva e Eduardo Lourenço (século XX). Ou seja, em alguns dos intelectuais clássicos da história da cultura portuguesa cujo destino comum, entre conquistas, obstáculos, agruras e padecimentos, foi, social e politicamente falando, semelhante ao de Saramago, com uma diferença específica: não se tornaram internacionalmente reconhecidos.

É difícil pensar, hoje, num escritor português que assuma aquele estatuto de autorrepresentação do todo da comunidade, que denuncie a podridão reinante na atual elite portuguesa e europeia e que, no conjunto da sua obra, aponte um caminho cultural, político e social não só para Portugal, mas também para os povos do mundo. Por isso, Saramago era um escritor estranho ao seu tempo, um tempo dominado por uma máquina cultural de entretenimento, cujos livros dominantes reproduzem os mesmos temas sentimentais e as mesmas modas culturais aqui, em Paris ou em Nova Iorque. Talvez por esse motivo, considerava-se um ensaísta que escrevia romances por não conseguir escrever ensaios (faltava-lhe a base metódica dada pela universidade, que nunca frequentou) que esclarecessem a origem das perversões que assolavam o mundo e os meios de as eliminar, caso isso fosse possível.

Neste sentido, Saramago era igualmente um escritor estranho, porque os seus romances partiam de ideias, não de meras descrições da realidade, não da exploração de sentimentos avulsos (o medo, o amor, o ciúme, a inveja, a ganância, o terror...), não da inquirição sobre o universo das relações humanas sem mais, espelhando-as mimeticamente em letra de forma (a vida de uma família, de uma aldeia, de uma empresa...), mas, contendo e superando aqueles elementos, ostentavam a ideia, hoje considerada fora de moda, de que o romance devia incluir uma mensagem, não moral, mas ética: os seus romances são iluminados por estes princípios, denunciando o Mal para que o Bem (maiúsculas propositadas) pudesse vir a imperar, evidenciando que o Mal, como a teia de uma aranha, se encontrava no centro ontológico da nossa civilização com o espantoso nome

de Deus (*Evangelho segundo Jesus Cristo, Caim, In Nomine Dei*, por exemplo), de tudo contaminador, inclusive na distinção, em termos de Poder e de Estado, entre a elite, autossacralizada, e a população, mera massa servil de trabalho; ousando problematizar a questão central da representação democrática (a questão do voto em branco em *Ensaio sobre a Lucidez*), desvendando o labirinto burocrático em que a nossa civilização se tornou (*Todos os Nomes, A Caverna*, por exemplo); reproblematicando a História de Portugal e mostrando-a às avessas (*Memorial do Convento, História do Cerco de Lisboa*, por exemplo); atrevido-se a sugerir a existência de um iberismo cultural (*Jangada de Pedra*) que poderia levar ao desaparecimento de Portugal como país independente (um aparente escândalo).

Saramago sabia que o romance não salvava o mundo, mas escrevia como se assim fosse, como se o dever do escritor fosse iluminar o mundo, sobretudo as zonas sombreadas, apontando com o zoliano dedo justiceiro do *J'Accuse*.

Há uma evidente mensagem ética (não moral, repetimos) nos romances de Saramago, e isso, em termos de moda pós-modernista, torna-o um autor estranho às Letras atuais. Por outro lado, o modo como questionou o estatuto da categoria de narrador literário, bem como a sua ousadia estética em substituir o narrador pelo autor (aquele seria apenas uma outra personagem, uma espécie de arquipersonagem, organizadora da trama do romance, um dispositivo literário criador e reitor das restantes personagens e da trama da ação, infletindo o sentido da narrativa), a acrescer à transformação operada na sintaxe dos seus livros da década de 80, aproximando-a, em flexibilidade, da sintaxe barroca, e, igualmente, na transformação das regras de sinalização da escrita, prestando à vírgula um lugar sintático soberano, fazem de Saramago o mais pós-moderno dos escritores portugueses.

O estatuto histórico-literário da obra de Saramago é igualmente estranho. Uma das razões prende-se com a cosmopolitização da literatura portuguesa. A atribuição do Prémio Nobel em 1998 dividiu o universo literário português entre um antes, nacional, e um depois, europeu e internacional. Antes de Saramago, apenas o nome de Ferreira de Castro (mas sem o Nobel) brilhara tão intensamente nas livrarias de (quase) todo o mundo e nas letras internacionais. Com Saramago, a literatura portuguesa cosmopolitizou-se e a geração de escritores que começou a publicar no século XXI abandonou em definitivo a exclusividade dos temas nacionais.



# As 7 vidas de José Saramago

Da infância na Azinhaga à consagração em Estocolmo, *As 7 vidas de José Saramago* ensaia o retrato da vida de um homem profundamente comprometido com o ofício da escrita, dedicado a uma missão transcendente. Ancorados na Josephville que o escritor descreveu em 1968, Miguel Real e Filomena Oliveira contam, simultaneamente, a história de José Saramago e de um outro século XX português.

Menino pobre numa Lisboa hostil de que se sentia excluído em todos os aspetos, decide conquistar a cidade, derrubar as suas muralhas, fazê-la sua. Torna-se serralheiro e autodidata, será escritor, encontrará formas de ocupar o espaço social, cultural e político que lhe permitirá operar a revolução que idealizou e em que crê obstinadamente, o que o levará a criar obras-monumento como *Memorial do convento*, *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Ensaio sobre a cegueira*. De 1922 para 1998, ano em que é distinguido com o Prémio Nobel da Literatura, Saramago vê a sua almejada Josephville transformar-se num mundo que o celebra e ao seu trabalho.







Ao longo dos sete capítulos que descrevem os diferentes momentos da vida do escritor, descobrimos um Saramago que se reinventa a cada revés, que desafia a imagem que o país tem de si mesmo e que confronta, sem pejo, o seu lado mais obscuro. Escrita com total acesso aos arquivos da Fundação Saramago e contendo testemunhos inéditos, esta é a biografia íntima de um homem universal, que se forjou no idealismo de um mundo mais justo e se comprometeu a mudá-lo através da literatura.

«Miguel Real escreveu esta biografia a partir de dentro: era amigo de José Saramago, partilhou incertezas e esperanças, além da inquietação que fica na alma do autor de cada vez que entrega um livro aos leitores. É crítico literário, conhece o ofício de escrever, descobriu obras e nomes que hoje são imprescindíveis no panorama literário português. Agora, com essa sua mão de explorador, entra na vida de um ser humano que não nasceu para ser escritor e, no entanto, construiu uma obra fundamental. Diz Miguel Real que José Saramago viveu Sete Vidas. E Miguel Real tem sempre razão.» **Pilar del Río**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
  penguinlivros  
 companhiadasletrasportugal

ISBN 9789897840432



9 789897 840432 >